

A transposição didática nas salas de aula:

O ensino de História Antiga e as inovações metodológicas

DANIEL FRANCISCO DA SILVA¹

DEIZE CAMILA DIAS SALUSTIANO²

Resumo:

Um dos maiores desafios enfrentados pelos professores ao deixarem a Academia e entrarem em contato com o Ensino Básico é a chamada “Transposição Didática”, ou seja, a forma pela qual os professores irão passar para os seus alunos conteúdos acadêmicos. Em outras palavras, a forma pela qual os professores transformarão os conteúdos acadêmicos em conteúdos para serem aplicados no Ensino Básico (Ensino Fundamental e Ensino Médio), já que a forma de se “escrever” e “pensar” a História é diferente em ambos os casos. E isso é, portanto, aplicável à História e para melhor explicarmos como isso ocorre usaremos o ensino de História Antiga. Sendo assim, o objetivo deste artigo é rever e explicar de qual forma os professores abordam os temas relacionados à História Antiga e ao mesmo tempo propor uma nova metodologia para que o ensino da mesma torne-se mais atraente para os professores e, principalmente, para os alunos, ou seja, de qual forma seria possível melhorar o processo de ensino-aprendizagem entre professores e alunos no que se refere ao Ensino de História Antiga. Para tanto, utilizaremos autores como, Circe Bittencourt, Pedro Paulo Funari, Semíramis Corsi Silva, dentre outros. Além de termos por base os PCN’s (Parâmetros

* Bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) de História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) e Licenciando (a) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN

* Bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) de História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) e Licenciando (a) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN

* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, Coordenadora de área do PIBID de História e professora do Departamento de História do CERES/UFRN

Curriculares Nacionais) e a forma pela qual os mesmos nos orientam a “ver”, “pensar” e “ensinar” as Histórias.

Palavras-Chave: Ensino, Transposição Didática, História Antiga

Introdução:

Quando se menciona História, mesmo nos dias atuais, algumas pessoas a associam ao passado, ou seja, ao estudo do passado que não tem nenhuma importância para o presente ou para questionamentos futuros. Essa concepção advém do modo tradicional pelo qual a História foi ensinada e vista ao longo dos séculos, onde só era importante se estudar os “heróis” (principalmente os nacionais), os nomes e as datas, não os inserindo em seu contexto histórico, não os relacionando aos fatos ocorridos. Portanto, a história servia para inflamar o lado patriótico das pessoas, ao passo que estas memorizavam determinados fatos, não os problematizavam, não os questionavam, e as avaliações correspondiam à aplicação de provas (orais e/ou escritas), onde se respondia de maneira direta, sem interpretar os questionamentos.

A partir da década de 1980 do século passado, a história e o seu ensino começam a serem questionados. Surgem então “novas” possibilidades de se ensinar a disciplina. O autor Ernest Lavissee propõe que fosse usado um método chamado de Memorização Ativa, pelo qual o aluno iria associar à imagem à escrita e isso ajudaria no aprendizado de História. Os professores passaram a introduzir o uso de mapas e da linha cronológica (espécie de linha do tempo, para situar o aluno no tempo em que os fatos ocorreram), filmes, textos de revistas e jornais no ensino de História; porém, apesar dessas mudanças, a História continuou com um caráter enciclopédico, ou seja, o estudo de tudo, do geral.

Desenvolvimento:

Atualmente a História, quer seja como disciplina acadêmica, quer seja como disciplina da escola básica, está passando por um processo de adaptação às inovações tecnológicas. Vivemos em um mundo onde o saber não é mais só monopólio do professor, do mestre, como acontecia na Antiguidade. Hoje em dia, com a televisão e, principalmente, com a internet, as informações, os fatos e os conhecimentos chegam a todas as pessoas em uma alta velocidade, ou seja, a informação está em todo canto. Portanto, os alunos não estão mais presos ao

conhecimento do professor, muito pelo contrário, eles têm acesso a várias opiniões sobre o mesmo fato.

Logo, a História, como disciplina, precisa encontrar formas de “sobreviver” nesse mundo e junto com ela sobreviverem as profissões de historiadores e professores de História. Segundo os PCN’s, é preciso que se leve em conta a opinião dos alunos, os seus questionamentos e o modo de viver dos mesmos, tentando aproximar os fatos ocorridos à realidade vivida e para que haja uma melhor compreensão dos alunos sobre o que é ser sujeito histórico e se entenda como tal.

No meio de toda essa modernidade do século XXI, um dos temas mais difíceis de ensinar em História trata-se de História Antiga. Já que dentre outros motivos, esta não é muito “querida” pelos alunos, os quais se questionam o porquê de estudar uma “coisa” que aconteceu há muito tempo (considerada tão distante da nossa atual realidade) e que para muitos não tem nenhuma influência nos dias atuais e também por ser “vista” como algo exótico, diferente (SILVA, 2010, p.145).

Além do mais, o Ensino de História Antiga é muito recente nas escolas brasileiras, se comparada, por exemplo, com a História do Brasil, pois:

Através de um breve levantamento, a ser complementado mais adiante, constatamos que a História Antiga constituiu uma disciplina autônoma nos primeiros anos de implantação do ensino secundário no Brasil, entre 1850 e 1877. Em 1878, foi criada a disciplina História Antiga e Média, substituída pela História Universal no programa de 1892. No entanto, observamos que, embora não constituísse uma disciplina autônoma já desde 1878, os conteúdos relativos à antiguidade continuaram a ser ensinados através de outras matérias pois, até 1914, aprendia-se grego e latim tendo como fontes para leitura as obras clássicas (MAIA, 2006, p.07).

A primeira cadeira de Estudos Universitários na área de História Antiga foi fundada apenas na década de 40, na Universidade de São Paulo (USP) e depois nas Universidades de Minas Gerais e do Rio de Janeiro (SILVA, 2010, p.145). Também, pelo fato de serem poucas as pessoas que se interessavam pelo estudo e pela pesquisa aprofundada da mesma, o que dificultou ainda mais a “sua” introdução nos currículos escolares, nesse caso, muitas vezes a

responsabilidade da disciplina era entregue a professores que possuíam um conhecimento muito superficial sobre o mesmo ou que não se interessavam nem um pouco pelo assunto, o que impedia a disseminação e a valorização da mesma, ao passo que não havia um estudo centrado na História Antiga e nas suas especificidades.

Para completar, “durante os duros anos da Ditadura Militar, a História era apresentada como uma linha contínua com acontecimentos com causa e efeito, sem a análise fundamental dos processos históricos propriamente” (Silva, 2010, p.147), ou seja, apresentava-se uma História Linear, com início, meio e fim determinados. Somente “com a abertura política da década de 1980 vemos aparecer um aumento das produções historiográficas” (SILVA, 2010, p.147). Percebemos então que a “expansão” da mesma só veio a ocorrer nas décadas de 70/80 do século passado, época em que começaram a ocorrer mudanças não só no que tange ao Ensino de História Antiga, mas mudanças na forma de se ensinar qualquer História, pois o objetivo era o de melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

A partir de então, os professores passaram a buscar uma ponte entre o presente e o passado, ou seja, no caso, entre os conteúdos estudados em Antiga e o presente mostrando assim para os alunos a importância de estudá-la nos dias de hoje, mostrando, também, quais os seus legados, quais as heranças, deixados pelos povos Antigos, principalmente, no que tange à Grécia e Roma, ao passo que “podemos verificar que o ensino da Antiguidade Clássica ainda recebe maior valorização do que a Antiguidade oriental” (SILVA, 2010, p.148).

No caso de História Antiga, “a situação mudou muito, tanto no ensino superior e na formação dos professores, como nos livros didáticos e de apoio, e na própria prática da sala de aula” (FUNARI, 2008, p.95). Percebemos, então, que dos anos 80/90 do século XX, professores começaram a se dedicar ao estudo da mesma e a cada vez pesquisar mais sobre o tema, o que contribuiu para a “explosão” de livros, documentários, tradução de obras do latim, por exemplo, para o português, permitindo assim, um contato direto com alguma forma de resquício “vivo” de determinada cultura, dentre outros, voltados para Antiga, ocorrendo uma valorização da mesma:

A pesquisa de História Antiga no Brasil tem recebido reconhecimento nacional e internacional. Prova deste ponto é a presença constante de Simpósios Temáticos da área nos encontros regionais e nacionais da Associação Nacional de História -

ANPUH, o grande número de congressos específicos de História Antiga em diversas universidades de todo o Brasil, o aumento considerável das publicações de textos e livros de importantes pesquisadores, a quantidade de revistas específicas que surgem virtualmente ou impressas a cada dia, o intercâmbio frequente entre estudantes e professores das universidades brasileiras, as diversas bolsas que pesquisadores da área têm conseguido para estudos no exterior e o aumento das cadeiras dedicadas a professores desta modalidade nas universidades (SILVA, 2010, p.145-146).

Muda-se então, não só a Escrita Acadêmica de História Antiga, como também a forma como os livros didáticos começam a tratar e a explorar a História Antiga, pois “Cada vez mais, os livros tratam não só dos temas e das explicações historiográficas tradicionais, mas procuram diversificar os objetos e as abordagens, assim como inserir o estudo da Antiguidade na realidade brasileira” (FUNARI, 2008, p.97). Exemplo disso é o livro do autor Paul Veyne “Sexo e Poder em Roma”, onde o mesmo reúne ensaios que examinam a vida cotidiana de cidadãos e escravos, senhores e servos. A História Antiga está deixando pois, de ser algo tão distante e passando a ser algo do nosso cotidiano, que influenciou e influencia nossas vidas.

Sendo assim, não devemos dispensar de todo os livros didáticos, pois resta-nos:

saber utilizar corretamente estes livros, e mesmo outros recursos, o professor de História precisa de criatividade, boa vontade e uma boa formação acadêmica, refletidas em práticas de ensino, estágios, atividades acadêmicas, científicas e culturais e também pesquisas de Iniciação Científica feitas ainda durante a primeira formação na graduação (SILVA, 2010, p.152).

Acreditamos assim, que tudo depende da forma pela qual o professor está explorando um determinado conteúdo, no caso um conteúdo relacionado à História Antiga, pois:

O livro didático acrescenta-se, é bem vindo quanto mais coerência e atualizações historiográficas trazer, mas, mais do que isso, quanto mais possibilidades de estudo puder (...). Sendo o professor quem mais conhece as necessidades de seus alunos e as circunstâncias espaço-temporais em que trabalha, ele é o principal responsável pela concretização de qualquer proposta de ensino. (...). Sendo assim, a pequenez do aluno diante dos poderosos personagens dos livros didáticos de História, que aumentam sua impressão de estar fadado a uma existência menor e

subalterna, darão lugar a opções abertas, possibilitando a não verdades (KARNAL, 2007, p.159).

Para tornar a aula mais atrativa, o professor de História pode utilizar recursos como: mapas, filmes (pois os mesmos chamam a atenção dos alunos), documentários, imagens de monumentos e de objetos usados durante a Antiguidade, dentre outros. Tudo isso tornaria a aula do professor diferente, atraente e faria com que o aluno aprendesse o conteúdo com prazer e com gosto pelo que está sendo ensinado.

Sendo assim, o professor para poder tornar sua aula cada vez melhor, deve ter cuidado na forma pela qual irá “transmitir” os conteúdos aos seus alunos e assim “transformar” conteúdos acadêmicos em conteúdos para serem ensinados ao ensino básico, pois não adianta o mesmo querer, durante suas aulas, usar uma linguagem que o aluno não entenda, e isso, ao nosso ver, irá dificultar cada vez mais a compreensão do conteúdo pelos alunos, ou seja,

no que se refere aos conteúdos e métodos de ensino e aprendizagem, os partidários da ideia de “transposição didática” identificam uma separação entre eles, entendendo que os conteúdos escolares provêm direta e exclusivamente da produção científica e os métodos decorrem apenas de técnicas pedagógicas, transformando-se em didática. Segundo esse ponto de vista, a escola é o lugar de recepção e de reprodução do conhecimento externo, variando sua eficiência pela maior ou menor capacidade de “transpô-lo” e reproduzi-lo adequadamente. A figura do professor aparece então como um intermediário desse processo de reprodução, cujo grau de eficiência é medido pela capacidade de gerenciamento das condições de adaptação do conhecimento científico ao meio escolar (BITTENCOURT, 2011, p.37).

Conclusão:

Ao nosso ver, essas possibilidades de aula, representam uma nova forma de se ensinar História Antiga para o ensino básico, já que utilizaremos, além do livro didático, outros recursos que prendam a atenção dos alunos e façam com que eles se interessem pelo conteúdo a ser abordado durante a aula; além do mais, teremos estimulado os mesmos a pesquisarem e a expressarem suas opiniões. Mas é claro, que é importante não só a introdução dos novos recursos tecnológicos na aula, o que importa de fato, é a forma pela qual esses novos

“instrumentos de trabalho” do professor vão ajudá-lo a tornar sua aula mais dinâmica. Pois, “a aula é do professor e não do livro. E o bom docente é livre, autônomo e procura sempre a melhor maneira de produzir conhecimento” (KARNAL, 2007, p.158).

Gostaríamos por fim de destacar a importância que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID- História), teve e tem em nossas experiências, pois foi através do mesmo que tivemos a chance de realizar intervenções em escolas públicas, já que o PIBID é um projeto desenvolvido para a Rede Pública de Ensino, e assim conhecermos de perto a realidade das mesmas, ou seja, os desafios e problemas enfrentados pelos professores no que se refere ao ensino. Foi tendo por base essas intervenções, que pensamos nosso artigo, o qual tem por objetivo demonstrar de que forma os professores abordam os temas relacionados à História Antiga e ao mesmo tempo propor uma nova metodologia para que o ensino da mesma torne-se mais atraente para os professores, e claro, para os alunos.

Referências:

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. “Uma “Transposição Didática?” In: **Ensino de História: fundamentos e métodos** -4 ed.—São Paulo: Cortez, 2011- (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental/ Coordenação Antonio Joaquim Severo, Selma Garrido Pimenta), p. 35-37;
- FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius. “Inventando a nação: o que fazer com a liberdade conquistada?” In: KARNAL, Leandro (et al.).--. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. 2 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2010. P.101-128;
- FUNARI, Pedro Paulo. “A Renovação da História Antiga” In: **História Na Sala De Aula**. 5 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2008, p.95-107;
- FUNARI, Pedro Paulo. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2001, p. 77-134;

- MAIA, Rosana da Costa. “A História Antiga em Perspectiva”. In: **Anpuh Rio de Janeiro** Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – APERJ Praia de Botafogo, 480 – 2º andar - Rio de Janeiro – RJ. p. 01-10;
- SILVA, Semíramis Corsi. “Aspectos do Ensino de História Antiga no Brasil: Algumas observações” In: Alétheia; Revista de estudos sobre Antiguidade e Medievo, Volume 1, Janeiro a Julho de 2010, ISSN: 1983-2087, p. 145-155;
- VEYNE, Paul. Sexo e Poder em Roma; prefacio de Lucien Jerpignon; tradução de Marcos de Castro. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008;
- VIDAL-NAQUET, Pierre. O mundo de Homero. São Paulo. Cia. das Letras, 2002, p.13-49;